atenção para o chamado perfeccionismo compensatório: a tentativa de compensar a sensação de inadequação por meio de conquistas, desempenho profissional ou disponibilidade constante para os outros. A pessoa procura ser impecável em outras áreas da vida, como se o sucesso pudesse tornar sua identidade mais aceitável aos olhos da família. O preço pode ser a exaustão e a dificuldade de construir relações em que não seja necessário esconder a própria vulnerabilidade.

O papel da família

A família ocupa um lugar importante nesse processo por ser uma das primeiras referências a partir das quais se constrói o sentimento de valor pessoal. Quando existe acolhimento, o vínculo oferece segurança para enfrentar as adversidades externas. Quando o afeto parece condicionado à adequação a determinadas expectativas, porém, a pessoa pode passar a acreditar que precisa negociar o direito de pertencer.

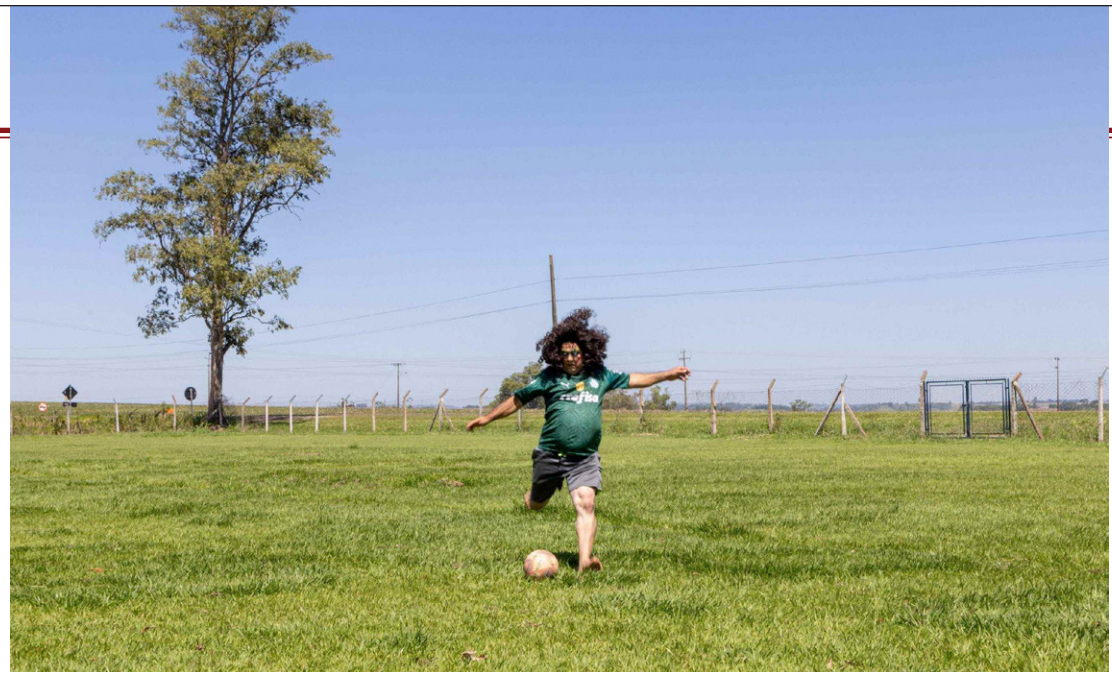
É nesse contexto que *Querido Pai* ganha outra dimensão. Ao transformar a própria história em um projeto artístico, Danilo deixa de apenas revisitar as experiências que o marcaram e passa a criar uma situação em que pode se apresentar diante do pai de outra maneira. A fotografia não serve somente para registrar João usando maquiagem e peruca: ela coloca os dois em contato com memórias compartilhadas, em espaços que fazem parte da história familiar.

Para Roberto, a arte permite reorganizar lembranças e atribuir novos sentidos a experiências dolorosas. Ao assumir a autoria de uma narrativa sobre o próprio passado, a pessoa deixa de ser definida exclusivamente pelo que viveu e encontra outras maneiras de se relacionar com essas experiências. No caso de Danilo, a estética drag introduz elementos de brincadeira, vulnerabilidade e afeto em cenários que também carregam as marcas de uma masculinidade tradicional.

Karoline vê nesse processo uma possibilidade de comunicação para experiências que nem sempre encontram espaço nas conversas cotidianas. Ao aceitar participar das fotografias, João deixa de ocupar apenas o lugar de observador do universo do filho e passa a vivenciar uma experiência compartilhada. "A arte permite externalizar o invisível, flexibilizar papéis rígidos e reconfigurar a memória familiar", afirma.

Reconstruir uma relação exige que ambos encontrem maneiras de rever as expectativas que os afastaram. Roberto ressalta que os pais precisam abandonar a imagem idealizada do filho para enxergar a pessoa real diante deles. Aos filhos, cabe estabelecer limites que os protejam de novas violências, sem que isso impeça, quando houver condições, a construção de outras formas de convivência.

Esse movimento exige que o filho consiga olhar para o pai para além das próprias dores, sem negá-las, e que o pai se disponha a escutar sem se defender continuamente das experiências relatadas. "Costumo dizer que é preciso coragem para agir pelo coração", resume a psicóloga.



As partidas de futebol em família faziam parte do imaginário de Danilo ao lembrar de casa

O fotógrafo vive hoje na Inglaterra

Compartilhando gestos

Durante a preparação para a exposição em São Paulo, Danilo se maquiava e experimentava roupas na sala de casa, enquanto o pai e os demais familiares participavam das escolhas. João passou a reproduzir movimentos que o filho reconhecia em si mesmo, como afastar o cabelo do rosto ou soprar a franja que caía sobre os olhos."São coisas tão pequenas e banais, mas que tanto mudaram ele quanto me mudaram", conta o artista.

Os gestos também apontam para uma transformação na ideia de masculinidade. Para Roberto, os modelos tradicionais frequentemente associam o masculino à repressão das emoções, à negação do feminino e ao distanciamento afetivo entre homens. Quando João aceita experimentar a estética drag, abre-se espaço para outras possibilidades de expressão sem que ele precise deixar de ser pai ou abandonar a própria história.

A mudança não está apenas na imagem construída para a câmera, mas na possibilidade de compartilhar uma experiência antes distante. Karoline observa que as relações familiares podem ser ressignificadas quando há abertura para reconhecer diferenças, rever papéis e construir novas formas de afeto. Isso não significa que toda história de distanciamento chegará à reconciliação, mas que os vínculos não precisam permanecer presos às mesmas expectativas.

Querido Pai não oferece uma fórmula de aceitação nem sugere que a arte, sozinha, seja capaz de resolver conflitos familiares. Entre o campo e a galeria, entre o facão e a maquiagem, as imagens preservam as marcas do passado sem fazer delas o único destino possível para a relação. João continua sendo o pai que Danilo conheceu, mas passa a ocupar também um lugar novo na história do filho, o de alguém que aceitou participar de um encontro capaz de transformar a maneira como ambos se enxergavam.

Depois de fotografar o pai, escrever para ele e vê-lo diante das próprias imagens, Danilo encontrou palavras para descrever o que havia mudado: "Eu hoje não me desmonto mais para voltar para casa".

A frase não significa que o desejo de ser amado tenha desaparecido, mas que o retorno já não exige o mesmo esforço de esconder quem ele é. Na carta que acompanha o projeto, o artista escreve: "Encontramos a nossa paz". Para Danilo, voltar para casa passou a significar também poder permanecer inteiro.